

NOSSOS CLÁSSICOS

ALFRED HETTNER (1859-1941)

A virada do século XIX-XX foi alemã, assim como o meado do século XX foi francês e esta passagem de milênio parece ser americana.

Hettner foi uma expressão típica do seu tempo e lugar. Nascido em 1859 e falecido em 1941, viveu o momento de auge da intelectualidade que põe a cultura de referência alemã na vanguarda do pensamento europeu, nas décadas de vinte e trinta, influenciando na inteligência de todo o continente, em particular a francesa (é inegável a presença de Heidegger na filosofia e de Weber no pensamento social que colocarão os pensadores franceses na vanguarda mundial na segunda metade do século). É uma intelectualidade que se debate com o positivismo. Propõe um retorno a Kant. Ou condena toda a filosofia que ele representa. Kant e Nietzsche estão no ar. Mas também a fenomenologia de Husserl. E daqui a pouco a ontologia analítica de Heidegger. É o tempo de Cassirer, Mannheim, Lukács, Jaspers, Simmel, Weber, Arendt, Freud. Ocupa-os a preocupação com a cultura, a ciência, o homem, cujo destino uma avassaladora expansão da técnica (vive-se a passagem da fase da primeira para a da segunda revolução industrial) está pondo em cheque; a relação dilemática da filosofia e da ciência; a resposta da epistemologia e do método.

A palavra parece estar inicialmente com os neokantianos. E por aí entra Hettner. O problema é a excessiva fragmentação que atinge a ciência na virada do século, em parte como decorrência do efeito da ampla divisão do trabalho trazida pela escala técnica da segunda revolução industrial sobre o pensamento científico. Trata-se de encontrar no mundo da razão a categoria da universalidade capaz de resgatar para o pensamento o mínimo da unidade discursiva perdida. A solução positivista, de unificar o pensamento, da natureza à sociedade e ao homem, a partir das leis físicas, é rejeitada pelos alemães. Estes optam pela solução do entendimento kantiano, operando-se um movimento de retorno a Kant.

A solução kantiana é, entretanto, antinômica. A natureza e o homem recebem tratamentos epistemológicos diferentes, por conceber Kant a impossibilidade de um conhecimento único. A natureza pode ser compreendida a partir de leis gerais, comuns ao comando de todos os fenômenos naturais, mas já para o homem é impossível um processo de conhecimento semelhante. O que pode integralizá-lo é a ética, a categoria universal que serve para compreendê-lo e à sociedade numa totalização de entendimento.

Daí que o debate entre os neokantianos os encaminhará para a fomalização do entendimento do mundo em termos duplos e distintos: o das ciências nomotéticas e o das ciências ideográficas, as primeiras aplicáveis aos fenômenos regidos por leis gerais, isto é, os fenômenos da natureza, e as segundas aos fenômenos individualizados, isto é, os fenômenos do homem.

Na geografia, o problema da excessiva fragmentação é acompanhada de sua quase absoluta redução neste momento à geografia física. Um problema agravado pela eclosão da primeira guerra e o despreparo dos geógrafos alemães para entender e explicar uma conjuntura fortemente impregnada de história humana.

O texto que o leitor vai ler é a solução encontrada pelo neokantiano Hettner. Hettner põe a geografia no plano de encontro do nomotetismo e do ideografismo, centrando a referência unitária no conceito de região. A região é a categoria universal da geografia, o conceito portador da capacidade de oferecer uma visão de unidade de espaço (Hettner diz corológica) à pluralidade dos aspectos físicos e humanos, e de assim forjar a síntese de mundo, que é a identidade metodológica e científica da geografia. Chega-se à síntese regional por intermédio da interação entre a geografia sistemática, parte da geografia encarregada de realizar a análise dos fenômenos no seu plano tópico, e a geografia regional, a verdadeira geografia, e que se serve da primeira, ao tempo que impõe-lhe a necessária unidade sintética.

O leitor certamente reconhecerá neste discurso a idéia de geografia com que está acostumado. Mas, provavelmente, se surpreenderá ao descobrir sua autoria em Hettner. Nos alemães, portanto, não nos franceses. (Ruy Moreira)